

A vitória de Pirro de Assad

Via [New Politics](#)

É difícil recordar a euforia dos primeiros dias da revolta de 2011 na Síria contra o regime de Bashar al-Assad. Refletindo sobre esse tempo, os sírios falam da quebra da “barreira do medo” – o autoritarismo sufocante e a repressão que os havia silenciado por décadas. Nos protestos de liberdade que surgiram por todo o país naquela primavera, havia uma atmosfera carnavalesca repleta de dança e canto. Com o tempo, à medida que a terra se libertava do controle do Estado, os sírios construíram coletivamente uma cultura revolucionária criativa e vibrante e plantaram as sementes para uma nova sociedade democrática. Os sírios, tanto no país como no exterior, estavam otimistas para o futuro. Acreditávamos que o regime iria cair. Pensávamos que nossa justa luta venceria.

Uma década depois, a dor, o trauma e o desespero definem a experiência síria. Grande parte do território retornou ao controle do regime. O país está em ruínas. Mais da metade da população não vive mais em suas próprias casas, e mais de seis milhões de pessoas fugiram do país. Muitos dos que permanecem vivem em condições terríveis, sem moradia, sem meios de subsistência ou sem acesso a serviços básicos. O “reino do medo” foi restabelecido, não apenas sob a forma de contínua repressão estatal, e em algumas áreas continua o conflito, mas também como resultado da luta de poder entre vários senhores da guerra. No entanto, embora o movimento revolucionário pareça sujeito à derrota selvagem, pelo menos por enquanto, não é de forma alguma claro que “Assad venceu”.

O tênue domínio de Assad sobre o poder é mantido por forças estrangeiras. Desde o início do conflito, a Rússia forneceu ajuda militar ao regime, e foi o envolvimento militar direto da Rússia em 2015 que alterou profundamente a dinâmica no terreno, em um momento em que o regime estava próximo do

colapso. Enquanto Moscou inicialmente alegou ter como alvo grupos terroristas como o Estado Islâmico, os ataques aéreos russos priorizaram as áreas detidas pela oposição e visaram repetidamente a infra-estrutura civil, incluindo hospitais. Esta intervenção, que transformou as áreas libertadas em zonas de morte, viu grandes faixas do país voltarem ao controle do regime.

A Rússia também tem sido o principal aliado político de Assad, fornecendo o peso diplomático necessário para proteger o regime da responsabilidade internacional. Hoje, o poder russo eclipsa amplamente o dos Estados Unidos em relação à Síria, e Moscou se estabeleceu como um ator dominante na região. O custo econômico para a Rússia tem sido grande, mas tem sido recompensado com contratos lucrativos de gás e petróleo. A empresa russa Sroytransgaz, de propriedade de um oligarca ligado ao Kremlin, recebeu 70% de todas as receitas da produção de fosfato durante os próximos cinquenta anos, provavelmente totalizando centenas de milhões de dólares ou mais. (Estima-se que a Síria tenha uma das maiores reservas mundiais de fosfatos, utilizados para a fabricação de fertilizantes). Também foi concedido à empresa o controle do porto comercial de Tartus, necessário para sua exportação.

Entretanto, é o Irã que representa a maior ameaça a qualquer esperança de autodeterminação síria. Em algumas partes do país, os sírios vivem agora efetivamente sob ocupação iraniana. Teerã, que apoiou o regime de Assad desde o início, vê a Síria como uma parte fundamental do chamado “eixo de resistência” contra os Estados Unidos e Israel, e como um elo estrategicamente importante no bloco xiita que liga o Irã e o Iraque com o Líbano e o Mediterrâneo. Teerã tem apoiado um grande número de combatentes na Síria, organizando milícias xiitas sectárias do Irã, Líbano, Iraque e Afeganistão, e estabeleceu numerosas bases militares na Síria (algumas das quais são alvos principais dos ataques aéreos de Israel, que teme uma presença iraniana entrincheirada em sua fronteira

norte).

O Irã tem sido o principal financiador do regime, financeira e economicamente. Desde 2013, Teerã tem fornecido à Síria linhas de crédito para importação de combustível e outros bens e é um importante parceiro comercial. Foram criados fóruns de negócios para melhorar as relações econômicas e comerciais bilaterais. Assim como a recompensa da Rússia por sua lealdade são os recursos naturais da Síria, a do Irã é um bem imobiliário, que está comprando em Damasco, Homs, Deir al-Zour e Aleppo. As empresas iranianas, muitas vezes com vínculos com o Corpo de Guarda Revolucionário Islâmico, têm recebido contratos lucrativos para projetos de reconstrução e infraestrutura. Ao cimentar sua presença economicamente, o Irã garante que manterá sua influência no caso de um acordo de paz que convoca as milícias estrangeiras a partirem.

Desta forma, o Irã está expandindo sua presença na Síria e procura se inserir na sociedade síria de uma forma que a Rússia não faz. Em uma tentativa de construir um círculo eleitoral local, ele compra fidelidade pagando salários altos aos jovens sírios (até US\$ 700 por mês) para se juntar às milícias iranianas, e estabeleceu centros culturais e educacionais e mesquitas para difundir a cultura e o xiismo iranianos. Em Damasco, as pessoas relatam uma mudança notável na demografia em bairros como Bab Touma e Bab Sharqi, que antes eram o lar de uma grande comunidade cristã e agora são povoados por membros das milícias apoiadas pelo Irã. Propriedades pertencentes aos sírios deslocados pelo conflito são agora habitadas por membros das milícias e suas famílias. Em Hama e no sul do Idlib, terras agrícolas apreendidas pelo regime foram leiloadas a preços simbólicos, e os principais compradores são membros das milícias. Sinais e anúncios de lojas são frequentemente escritos em farsi. Embora muitos sírios não possam retornar ao seu país de origem, o regime acelerou a naturalização de estrangeiros para garantir que os iranianos e outros possam se tornar cidadãos. O deslocamento

forçado de comunidades que apoiam a oposição e a repovoação das áreas com comunidades percebidas como leais é parte de uma estratégia deliberada do regime para mudar a demografia a fim de garantir uma circunscrição obediente nas áreas que controla. Como o próprio Assad disse em um discurso em 2015, “a Síria não é para aqueles que possuem seu passaporte ou residem nela; a Síria é para aqueles que a defendem”. Uma razão pela qual ainda não se chegou a uma solução política pode ser que o regime está parando enquanto cria “fatos no terreno” que irão fortalecer sua mão nas negociações.

Como resultado de tão flagrante expropriação e conluio, o sentimento anti-iraniano na Síria está no auge de todos os tempos. Tanto no campo de Deir al-Zour quanto no campo de Deraa, protestos surgem regularmente exigindo o fim da hegemonia iraniana e a expulsão das milícias iranianas. A aliança entre o supostamente secular regime nacionalista árabe Assad e o Irã teocrático sempre foi mais pragmática do que religiosa. No entanto, a crescente presença de muçulmanos xiitas ligados ao Irã (em um país com maioria sunita) e suas políticas (tanto na Síria quanto na região mais ampla) aumentou enormemente o sentimento de vitimização entre sunitas – um fator que contribuiu para aumentar o sectarismo e a ascensão de grupos como o Estado islâmico.

A situação sócio-econômica desesperada do país é outro fator que causa críticas generalizadas ao regime, mesmo entre as comunidades percebidas como leais. Mais de 80 por cento da população vive na pobreza, lutando para sobreviver, e 60 por cento estão em insegurança alimentar. O Programa Mundial de Alimentação das Nações Unidas informa que os preços dos alimentos aumentaram 376% entre outubro de 2019 e fevereiro de 2021. Há escassez de alimentos básicos, remédios e combustível. As pessoas fazem fila por horas nas padarias e postos de gasolina, e ainda retornam às vezes de mãos vazias para casa. Os apagões elétricos são comuns e têm causado o fechamento de empresas locais, exacerbando ainda mais os altos

níveis de desemprego. O colapso da moeda significa que o salário de um funcionário do estado é agora equivalente a cerca de US\$ 20 por mês, em oposição a US\$ 400 em março de 2011. Muitos são forçados a aceitar segundos empregos, se conseguirem encontrá-los, apenas para colocar comida na mesa. Enquanto isso, aqueles com conexões de regime (e senhores da guerra) não apenas lucram com a miséria das pessoas, mas exibem suas riquezas e estilos de vida privilegiados, exibindo seus carros e propriedades de luxo nas mídias sociais.

A principal razão para esta situação miserável é, naturalmente, a destruição total do país pelo regime e seu aliado russo, incluindo infra-estrutura física, moradia, terras agrícolas e instalações de produção. A crise econômica e financeira no Líbano, da qual a economia e o sistema bancário sírios dependem, tem visto as condições piorarem drasticamente. A corrupção do regime e um capitalismo de compadrio desenfreado que alinha os bolsos dos bem conectados exacerbam ainda mais a situação. No fundo, os funcionários do Estado exigem subornos para serviços básicos e os comerciantes inflacionam os preços de suas mercadorias. No topo, os fiéis do regime ou membros da família do presidente recebem contratos vantajosos para construir apartamentos residenciais de alto padrão e shopping centers de luxo, quando muitos não têm acesso à moradia básica. Os planos de reconstrução do regime irão, portanto, exacerbam ainda mais as desigualdades sociais e impedir o retorno dos deslocados de baixa renda – aqueles que formaram o núcleo da oposição.

Um fator secundário tem sido a expansão das sanções desde que Washington implementou a Lei de Proteção Civil César Síria de 2019. Ao contrário das sanções anteriores, que visavam os indivíduos afiliados ao regime – seja políticos, militares ou de segurança – estas sanções são mais controversas, pois também visam empresas e setores que lidam com petróleo, eletricidade e reconstrução de infra-estrutura, contribuindo assim para a escassez de bens e serviços e impactando

negativamente a população civil. Embora a ajuda humanitária esteja isenta das sanções, as organizações não-governamentais relataram ter sofrido efeitos negativos, pois as pessoas estão agora preocupadas em fazer negócios na Síria. Em março de 2021, 14 organizações sírias (tanto na Síria quanto no exterior) divulgaram uma declaração pedindo ao regime sírio que acabasse com as sanções, envolvendo-se no processo político liderado pela ONU, pondo fim às violações dos direitos humanos e submetendo-se aos mecanismos da justiça.

As pessoas estão tanto famintas quanto zangadas. Eclodiram protestos contra a deterioração das condições de vida, os custos proibitivos de bens básicos e a corrupção em áreas dominadas pelo regime, tais como Sweida, Damasco e até mesmo Latakia (no coração do regime). Nas mídias sociais, até mesmo os fiéis do regime expressaram queixas pelas quais alguns deles foram presos sob a Lei de Crimes Cibernéticos de 2018, promulgada para reprimir tal dissidência. Entre eles, o apresentador de televisão estatal sírio Hala al-Jarf, que fez posts no Facebook criticando as condições de vida e a escassez de bens básicos. Após sua prisão em janeiro de 2021, ela foi posteriormente libertada em uma anistia destinada a apaziguar os partidários do regime antes das eleições presidenciais de maio. Wissam al-Tair, editor da muito popular página pró-regime do Facebook Damasco Now, foi preso em dezembro de 2018 – provavelmente por suas críticas às condições suportadas pelos recrutas do exército e a crise de combustível – e não tem sido ouvido desde então.

De fato, muitos acreditam que o regime de Assad é incapaz de lidar com a crise, mesmo aqueles que não conseguem prever uma alternativa. Esta desconfiança generalizada foi agravada pela forma como o regime lidou com a pandemia da COVID-19, particularmente sua incapacidade (ou recusa) de fornecer informações confiáveis sobre o número de casos e a escassez de suprimento de oxigênio, leitos hospitalares e vacinas. A esperança para o futuro também está em falta.

Em meio à crise, o regime realizou eleições presidenciais em 26 de maio. Esta charada, destinada a dar ao regime uma aparência de legitimidade na tentativa de atrair fundos para os esforços de reconstrução, ridicularizou as exigências do povo sírio para a transição democrática. Os candidatos presidenciais foram obrigados a viver na Síria durante os últimos dez anos – uma regra que excluía automaticamente os refugiados e os membros-chave da oposição no exílio. Eles também eram obrigados a ter o apoio de 35 membros do parlamento, o que significava que eles tinham que ser carimbados pelo regime. Os sírios que viviam no exterior tiveram que ir às embaixadas para votar, o que muitos não fizeram por medo de represálias, e tiveram que possuir um passaporte sírio válido e um carimbo de saída, o que muitos não possuem. Aqueles que viviam nos 30% do território que está fora do controle do regime, incluindo o Idlib e as áreas controladas pelo Curdistão e pela Turquia, não participaram. A administração autônoma liderada pelos curdos no nordeste da Síria recusou-se a realizar eleições devido à contínua recusa do regime em reconhecer seu governo. Em Deraa, controlada pelo regime, ativistas e figuras públicas apelaram para um boicote. Nenhum mecanismo foi estabelecido para garantir que as pessoas pudessem votar sem medo de intimidação por parte dos serviços de segurança, e não houve nenhum monitoramento por parte dos observadores das Nações Unidas. De qualquer forma, qual era o objetivo da votação, quando o resultado tinha sido pré-decidido?

Este regime nunca será visto como legítimo aos olhos dos sírios livres. Assad recuperou uma forma de poder em grande parte do país através da força bruta, do patrocínio estrangeiro e da ausência de solidariedade internacional com alternativas democráticas. O regime não se reformará; ele continua a reprimir selvaticamente qualquer dissidência e a realizar crimes de guerra com impunidade. É incapaz de responder aos problemas econômicos ou atrair fundos para a reconstrução desesperadamente necessária. A maioria dos sírios

que vivem fora do país não retornarão voluntariamente enquanto Assad permanecer no poder e não confiam nas garantias do regime quanto à sua segurança. Áreas da Síria fora do controle do regime permanecem assoladas por crises humanitárias, insegurança física e pela presença de milícias a que se opõem grandes segmentos da população. O que antes era um movimento revolucionário dinâmico foi despedaçado, fragmentado e esgotado. Uma solução política para o conflito, um pré-requisito para eleições livres e justas, não está em nenhum lugar à vista. O futuro, como o presente, parece sombrio.